

CINECLUBE SALINHA

MATHEUS TOZETO LIMA DE PAULA GORGULHO¹; ICARO DE OLIVEIRA CASTELLO²; YUKI YNAGAKI ESCATE ZARATE³; PAOLA WICKBOLDT FREDES⁴; CLÓVIS VERGARA DE ALMEIDA MARTINS COSTA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – gorgulho.matheus@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – castelloicarp@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – yuki.zarate@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – paolawfredes@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – clovismartinscosta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Cineclube Salinha é um projeto de extensão idealizado por estudantes dos cursos de bacharelado em Artes Visuais, Cinema de Animação e Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas, com o apoio do grupo PET Artes Visuais. Fundado em 2023, no semestre 2022/2, o projeto se propõe a exibir e debater filmes a fim de aproximar e provocar o diálogo entre a linguagem cinematográfica e aquelas que compreendem o campo das artes visuais como, por exemplo, a pintura, a escultura, a instalação e o vídeo.

As sessões acontecem dentro do Centro de Artes da UFPel, na pequena “salinha” interna do Ateliê de Escultura, espaço que sedia o cineclube e o nomeia. O Cineclube Salinha se constitui com uma montagem improvisada: uma cortina de veludo, cadeiras e bancos próprios da sala de aula, um projetor e uma caixa de som JBL, além das usuais intervenções realizadas pela equipe. Um espaço confortável, mais familiar e menos intimidador que uma sala de cinema, sujeito a interferências externas, mas que ainda assim possibilita a experiência coletiva do cinema.

O cineclubismo contemporâneo transborda para espaços outros, além da sala escura, acontece nas ruas, nas lajes, nas escolas, nos becos, nas esquinas, nas vielas e até mesmo no cinema convencional [...] (SILVA, 2012, p.19)



Figura 1 - Detalhe da cortina de veludo instalada na entrada da salinha.

2. METODOLOGIA

As exhibições do Cineclube Salinha ocorrem a cada 15 dias, na primeira e terceira sexta-feira do mês, às 19 horas. O processo de curadoria ocorre de forma espontânea: os integrantes da equipe sugerem filmes que dialogam com seus gostos pessoais ou que instigam seu interesse e curiosidade. Aqueles que rendem uma maior discussão são escolhidos.

Eles trazem na sua bagagem seu conhecimento, buscam o que querem assistir, os filmes que querem fazer, o que querem exibir, e este caldo de conhecimentos é a fórmula que dá origem ao estar-junto no movimento cineclubista. (SILVA, 2012, p.18)

A partir daí, o trabalho do grupo se ramifica. São produzidas artes de divulgação para cartazes físicos e para o perfil do Instagram, bem como as vinhetas do Cineclube — cada sessão apresenta uma animação singular projetada no Salinha. Também, são impressos folhetos em serigrafia, de modo a serem distribuídos ao público como uma peça gráfica colecionável. Neles estão contidas informações sobre o filme exibido como sinopse, direção, duração, país e ano de lançamento também. Junto disso, encontram-se cinco estrelas em branco, que estão ali para que os espectadores possam avaliar o filme assistido.

No dia da sessão, a equipe organiza de forma conjunta o espaço da salinha. Não apenas são posicionados a cortina, as cadeiras, o projetor e a caixa de som, mas também são montadas pequenas instalações que dialogam com o filme do dia. As paredes brancas acabam por se distanciar dos espaços teatrais, e vão de encontro à noção de “caixa preta”. São refletidas no branco dominante as cores dos filmes, proporcionando uma atmosfera singular de imersão pouco encontrada nos espaços de exibição fílmica convencionais — cujos ambientes comumente se dão por paredes escuras.

O registro fotográfico, por sua vez, é feito com uma câmera *cybershot* e ocorre tanto antes como depois da exibição em si. Essas imagens, postadas posteriormente no perfil do Cineclube no Instagram, apresentam-se não só como registros, mas como imagens em toda a sua potência: são espécies de ensaios visuais.

Ao final da obra audiovisual, todos são convidados a sentar-se em círculo, dando início a uma conversa acerca do que foi assistido, movimento que, como pontua Antoine de Baecque, é intrínseco ao contato com o cinema.

Pois o cinema exige que se fale dele. As palavras que o nomeiam, os relatos que o narram, as discussões que o fazem reviver — tudo isso modela sua existência real. A tela de sua projeção, primeira e única que conta, é mental: ela ocupa a cabeça dos que assistem aos filmes para, em seguida, sonhar com eles, partilhar suas emoções, evocar sua memória, praticar sua discussão, sua escrita. (BAECQUE, 2010, p.32)

Por vezes, também são sugeridas proposições ao público por parte da equipe do Cineclube Salinha, como pequenas atividades relacionadas narrativa ou esteticamente com a sessão, que buscam complementar a troca que as falas propiciam, também através da ação.

[...] criam ambientes outros onde podem viver suas relações com o cinema, dialogando com as novas produções, e também com outras manifestações que se juntam e se misturam nos acontecimentos fílmicos. (SILVA, 2012, p.18)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Cineclube Salinha exibiu no semestre 2022/2 os seguintes filmes: *Ovo do Anjo* (1985), de Mamoru Oshii, *Veludo Azul* (1986), de David Lynch e no semestre 2023/1: *Blue* (1993), de Derek Jarman, programação em parceria com a Mostra Transviada; *Uma Cena à Beira-mar* (1991), de Takeshi Kitano; *Reflexões de Um Liquidificador* (2010), de André Klotzel; *Leonor Jamais Morrerá* (2022), de Martika Ramirez Escobar; *Splendor - Um Amor em Duas Vidas* (1999), de Gregg Araki e quatro episódios da série *Pretty Guardian Sailor Moon* (2003–2004).

Percebemos que estabeleceu-se uma relação de trabalho em ateliê, no sentido de uma prática impregnada pela experimentação, pequenos detalhes e contribuições são trabalhados de forma individual ou coletiva pela equipe, dando forma ao Cineclube Salinha. O processo de curadoria constante, através de conversas, desenvolvido principalmente a partir da ativação de memórias dos filmes e séries exibidas, acontece organicamente de acordo com os rumos e vontades da equipe. A preparação do espaço, com a instalação da cortina de veludo azul que separa a salinha do resto do ateliê; os testes de projeção e som; a espera da equipe para receber o público; as fotografias com a *cybershot*; os vídeos em VHS; as serigrafias de cada filme; as vinhetas animadas; as instalações; e as proposições.

O ateliê se caracteriza, então, como fluxo e, para além de suas dimensões espaciais adquire, também, aspectos temporais. Muito mais do que entre, ou sem paredes, o ateliê contemporâneo se caracteriza pelo fluxo de tempo e de pessoas, trânsito e a troca com o outro. (SILVA, 2011, p.72)



Figura 2 - Registro da sessão de *Ovo do Anjo* (1985).

Figura 3 - Detalhe da instalação e proposição feita na sessão de *Uma Cena à Beira-mar* (1991).

As proposições são criações coletivas com o intuito de ativar as conversas em torno dos filmes e enquanto um momento de criação em conjunto. Na sessão de *Uma Cena à Beira-mar* (1991), do diretor Takeshi Kitano que ocorreu em julho deste ano, foram modeladas pequenas esculturas em massinha que depois foram posicionadas num círculo de areia no centro da sala, como uma ilha de pedacinhos, dialogando com o contexto da praia, das cores e detalhes do filme.

Em agosto, na exibição de *Leonor Jamais Morrerá* (2022), da diretora Martika Ramirez Escobar, foi feito um exercício de escrita narrativa, em que cada pessoa escrevia uma parte e a próxima tinha que dar sequência à história de maneira livre, formando um texto coletivo, lido em voz alta ao final. Na trama do filme, a personagem Leonor é uma cineasta aposentada que após ser atingida por uma televisão é hospitalizada, durante seu período em coma torna-se heroína de um de seus roteiros inacabados.

Na última sessão realizada pelo Cineclube em 2023/1, foram exibidos quatro episódios da série *Pretty Guardian Sailor Moon* (2003–2004) e, como proposição, se realizou a confecção de adereços e acessórios para o corpo a partir de retalhos de tecido. Essa proposta foi baseada na famosa “transformação de garota mágica” das personagens em Sailor, em que as protagonistas ganham poderes: esse momento é retratado, dentre outros aspectos, através da mudança de figurino das personagens.

4. CONCLUSÕES

A ocupação do ateliê de escultura, uma sala de aula dentro de uma universidade pública, propicia a oportunidade de se criarem relações entre o espaço UFPel e o espaço Pelotas. Por localizar-se entre os prédios do Centro de Artes e da FAUrb, o projeto possibilita um ponto de encontro, aproximação e troca entre estudantes dos diferentes cursos ali presentes, bem como entre estudantes de outros campi da universidade.

Apesar da intenção de também atender à comunidade da cidade de Pelotas, o público segue sendo majoritariamente universitário. Nesse sentido, pretende-se desenvolver ações futuras que alcancem um público maior, seja através da divulgação ou das exposições em si.

Desse modo, o Cineclube Salinha poderá alcançar de forma mais efetiva seus objetivos: levar à audiência as mais diversas narrativas, linguagens e visualidades e promover uma experiência artística abrangente. As relações com as artes visuais se tecem através do repertório pessoal da equipe e do público, que estimulam uns aos outros: durante suas falas, compartilhando percepções e referências que partem da experiência cineclubista; e também durante as proposições, ativando gestos manuais, poéticos e artísticos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAECQUE, A. **Cinefilia**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SILVA, Priscilla Duarte da. **Circuito Cineclube: trânsitos audiovisuais**. Orientador: Prof. Dr. Aldo Victorio Filho. 2012. Tese - Programa de Pós-Graduação em Artes, UERJ, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Fernanda Pequeno da. **Ateliês Contemporâneos: possibilidades e problematizações**. Anais do 56º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Rio de Janeiro, pp. 59-73. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cc/fernanda_pequeno_da_silva.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.